

Mundo



VENEZUELA
Solitos, presos políticos estão 'no limbo'

Mesmo após serem libertados com acordo, muitos temem incerteza do futuro



SEM ENTERRO DIGNO

Há três meses sob bombardeios, Gaza tem corpos em casa por dias e covas improvisadas

RAJA ABDULRAHIM
do New York Times

Durante quatro dias, o corpo de Kareem Sabawi, de 10 anos, ficou enclausurado em um cobertor num apartamento vazio na Faixa de Gaza. Nesse período, em meio ao intenso conflito no enclave, sua família se abrigou nas proximidades. Kareem morreu, contam seus pais, em um bombardeio israelense, e nos dias que se seguiram, era perigoso sair às ruas. Sem conseguir oferecer um enterro digno ao filho, sepultaram seu corpo debaixo de um pé de goiabeira, no prédio vizinho. Morrer dignamente em Gaza se tornara um privilégio.

A família pediu ajuda ao Crescente Vermelho da Palestina, mas a invasão do norte da Faixa de Gaza por Israel acabou de começar. As ruas estavam bloqueadas por tanques e esvaziadas pelos tiros, impedindo socorristas de ajudar famílias como a de Kareem.

O pai do menino, Hazem Sa-

bawi, passou a sofrer duplo tormento: a imensidão da perda e a incapacidade de proporcionar ao filho a dignidade de um enterro adequado.

—Depois do quarto dia, disse que ou eu seria enterrado com ele, ou não o sepultaria mais de jeito nenhum —disse Hazem, antes de contar como acabou colocando o corpo de Kareem debaixo de uma goiabeira, atrás do prédio de um vizinho. — Todo ser humano tem o direito de ser sepultado. Não tem sido assim em Gaza. A guerra começou a três meses, iniciada após o ataque a Israel pelo Hamas em 7 de outubro, que matou cerca de 1,2 mil pessoas, segundo autoridades israelenses. Desde então, os que vivem no enclave, quando conseguem, entram os mortos às pressas, para não arriscar o mesmo destino dos entes queridos. Mais de 22 mil palestinos foram mortos desde 7 de outubro, informou o Ministério da Saúde de Gaza, controlado pelo Hamas.

Mohammad Abu Moussa, radiologista do Hospital Na-

sur, no sul de Gaza, disse que "a situação chegou ao ponto em que dizemos que sortudos são os que têm algum para —e conseguem— enterrá-los quando morrem". Tradicionalmente, os palestinos honram seus mortos com cortejos fúnebres públicos de luto. Tendas são erguidas nas ruas por três dias para receber os que desejam prestar condolências. Mas a guerra enterrou os costumes. Muitos mortos são deixados em valas co-

muns, nos pátios de hospitais ou, como Kareem, no quintal, sem lápides, com nomes rabiscados em mortais brancos ou em sacos para cadáveres. As orações —quando feitas— são realizadas rapidamente.

MORTOS DENTRO DE CASA

Nehal Farsaki, do Crescente Vermelho Palestino, disse que a violência impossibilita as equipes de resgate de chegar aos locais dos ataques para recuperar corpos. Algumas famílias ficam trancadas dentro de suas casas durante dias com os cadáveres, disse ela. Autoridades de saúde de Gaza estimam que cerca de 7 mil pessoas estão desaparecidas no enclave, a maioria morta devido à enorme destruição causada pelos ataques israelenses. Em algumas residências, veem-se spray com os nomes dos que estariam sob os escombros.

Quase dois milhões de civis foram deslocados para o sul da Faixa de Gaza —encontrando pelo caminho forças israelenses com ar-

mas apontadas em sua direção. Dozens de corpos, inchados e em decomposição, foram vistos pelos palestinos. Eles contaram que os soldados israelenses não lhes permitiram sequer cobri-los, muito menos enterrá-los. Os militares disseram que agiram "por razões operacionais" e para determinar se entre os mortos estava algum refém israelense sequestrado pelo Hamas.

Sabawi conta que enterra Kareem e o menino que se faz por um filho que fora "incapaz de proteger". O menino foi vítima de um ataque aéreo israelense no início de novembro, quando a família preparava o almoço. Sabawi foi atingido ao ar. Quando caiu no chão, a porta da cozinha tombou sobre ele. Ao se levantar, percebeu que a cabeça de Kareem sangrava.

A família correu para o apartamento de um vizinho. Sabawi conta que pegou o filho no colo, mesmo com o braço ferido, e que Kareem ainda respirava. Em pânico,

tentou reanimá-lo. Mas era tarde demais. Os vizinhos trouxeram um cobertor para envolver o corpo do menino. Por quatro dias, temendo que pudessem ser mortos por um ataque aéreo ou por um soldado israelense, ficaram na casa ao lado, sem enterrar o filho.

Quando voltou à casa, Sabawi e um vizinho fizeram a proclamação da vitória na Faixa de Gaza. No jardim atrás do edifício, cavaram rapidamente uma cova rasa e o cobriram com terra. Voltaram para dentro em disparada. No dia seguinte, colocaram mais terra. Na goiabeira, o pai pendurou uma lâmina improvisada e colocou um tijolo no topo. Sempre que pode, desce para colocar mais terra, esperando que o local "vire uma cova de verdade".

AMAI DURA DECISÃO

Ahmed Alhathab, pai de quatro filhos, disse que um foguete atingiu seu prédio no dia 7 de novembro em Gaza. Dentro estavam 32 parentes, 19 crianças. Alhathab e três de seus filhos escaparam dos escombros, mas um deles, Yahya, de 7 anos, teve uma fratura no crânio. O pai carregou o menino ferido até encontrar uma ambulância.

Na manhã seguinte, contou, voltou com vizinhos e parentes para desenterrar com as mãos quatro mortos. Entre eles, um sobrinho com 32 dias de vida. Eles enterraram todos em uma cova que pertencia a outra família em um cemitério privado. Era perigoso tentar chegar aos públicos. O restante de sua família permaneceu sob os escombros.

Disseram ser improvável que seu filho sobrevivesse. Enquanto os parentes se preparavam para fugir, tomou a dolorosa decisão de deixar Yahya para trás e levar seus outros filhos para o sul, onde esperava que ficassem mais seguros. Quatro dias depois, ouviu de um amigo que o menino havia morrido no hospital.

—Eleve um enterro improvisado, me disseram. Não sei o que aconteceu com o corpo dele —disse Alhathab.



Do sem fim. Mulher e filhos procuram os túmulos improvisados de parentes em cemitério durante um raro cessar-fogo em novembro do ano passado em uma localidade no centro da Faixa de Gaza

Israel anuncia ter desmontado 'estrutura do Hamas' no norte do enclave

16.000

O Exército de Israel anunciou ontem que concluiu "o desmantelamento da estrutura militar do Hamas no norte da Faixa de Gaza". E que irá se concentrar, a partir de agora, no "desmonte do movimento terrorista no centro e no sul do enclave palestino".

Essa é mais uma das sinais de que não há perspectiva para trégua na guerra, iniciada há três meses após o atentado terrorista contra Israel que que-

timou, de acordo com Tel Aviv, mais de 1.200 pessoas, além da captura de cerca de 250 reféns pelo Hamas.

No sábado, o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu prometeu novamente que Israel continuará sua campanha para "eliminar o Hamas, devolver nossos reféns e garantir que Gaza deixará de ser uma ameaça para Israel". Desde o último 7 de outubro, Israel tem feito sucessivos bombardeios e in-

cursores terrestres na Faixa de Gaza, que contabiliza mais de 22,8 mil mortos, de acordo com o Ministério da Saúde controlado pelo Hamas.

REPÓRTERES MORTOS

Ontem, a pasta informou que dois jornalistas morreram em um bombardeio israelense, aumentando para 77 o número de vítimas de trabalhadores da imprensa, em contagem feita pelo Comitê para a

Proteção dos Jornalistas (CPJ). Destes, 70 eram palestinos, quatro israelenses e três libaneses. Os profissionais mortos ontem são Mustafa Thuria, cinegrafista independente que trabalhava para a agência francesa AFP desde 2019, e Hamza Wael Dahdoh, repórter do canal al-Jazeera. Eles morreram enquanto viajavam em um veículo, informaram as equipes de resgate.

O pai de Hamza, Wael Dahdoh, editor-chefe do escritório da al-Jazeera na Faixa de Gaza, foi recentemente ferido em um bombardeio. A esposa do editor-chefe e dois outros

filhos dele foram mortos em um ataque israelense logo nas primeiras semanas da guerra.

O secretário de Estado americano, Antony Blinken, em seu quarto giro pelo Oriente Médio desde outubro para evitar uma possível escalada regional do conflito, afirmou no Catar que a morte dos jornalistas é "uma tragédia inimaginável".

O número total de profissionais da imprensa mortos em Gaza à ultrapassa em quatro vezes o total de profissionais mortos durante a guerra na Ucrânia, que teve início em fevereiro de 2022.

DIPLOMACIA EM CURSO

Líderes mundiais seguem buscando frear uma possível escalada do conflito. Ontem, antes do Catar, Blinken também istou a Jordânia, após ter passado por Grécia e Turquia. Ele terminou o dia nos Emirados Árabes Unidos.

Hoje, o comandante da diplomacia americana viajará para a Arábia Saudita e voltará à Israel, onde manterá negociações que, friso, "não serão fáceis". Já o chefe da diplomacia da União Europeia, Josep Borrell, se encontrou no sábado com o líder político do Hezbollah, Mohammad Raad, em Beirute.